

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SERVIÇO: ESCUTA DAS TURMAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE CAPÃO DA CANOA/RS

Eduardo Rangel Ingrassia<sup>1</sup>  
Fabiana Gazzotti Mayboroda<sup>2</sup>  
Vanessa Silva Bernardes<sup>3</sup>  
Leandro Forell<sup>4</sup>

**Resumo:** O presente estudo revela as discussões e movimentos frente a construção do processo de aprendizagem na etapa da Educação Infantil, considerando como ponto de partida a escuta dos profissionais, comunidade e crianças para o planejamento das intencionalidades pedagógicas que fazem parte da rotina de uma escola de Educação Infantil de rede pública do município de Capão da Canoa/RS. O objetivo central do estudo trouxe como foco um novo olhar para os espaços coletivos na utilização da rotina escolar, oportunizando diversas vivências e experiências. Tal objetivo foi fomentado por meio da questão: Como viver experiências na escola para além do espaço da sala de aula? A questão foi discutida com um grupo de professores e por meio de reuniões de escuta e mapeamento. A partir de instrumentos estruturados, definiu-se como projeto da escola a construção de uma minicidade, tendo por desafio pensar as intencionalidades pedagógicas, que norteiam os planejamentos e ações escolares de forma integrada e participativa, valorizando a construção do currículo de forma participativa e significativa para todos que vivem o cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Participação; Escuta; Planejamento.

**Abstract:** *The present study reveals the discussions and movements regarding the construction of the learning process in the Early Childhood Education stage, considering as a starting point listening to professionals, the community and children for planning the pedagogical intentions that are part of the routine of an Education school. Public school children in the municipality of Capão da Canoa/RS. The central objective of the study focused on a new look at collective spaces in the use of the school routine, providing opportunities for different experiences. This objective was fostered through the question: How can we live experiences at school beyond the classroom space? The issue was discussed with a group of*

---

<sup>1</sup> Pedagogo; Mestre em Educação; Doutorando em Educação. Professor do UNICNEC.

<sup>2</sup> Pedagoga; Mestre em Educação; Doutora em Ciências do Movimento Humano. Professora do UNICNEC.

<sup>3</sup> Pedagoga; Mestre em Educação. Professora da rede municipal de Capão da Canoa.

<sup>4</sup> Licenciado em Educação Física; Mestre e Doutor em Ciências do Movimento Humano. Professor da UERGS.

*teachers and through listening and mapping meetings. Using structured instruments, the school project was defined as the construction of a mini-city, with the challenge of thinking about pedagogical intentions, which guide school planning and actions in an integrated and participatory way, valuing the construction of the curriculum in a participatory and meaningful way. for everyone who goes through school life.*

**Keywords:** *Early Childhood Education; Participation; Listening; Planning.*

## **Introdução**

A educação infantil é etapa fundamental para a construção de um espaço de escolarização comprometido com o desenvolvimento integral da criança. No meio educacional muito se investe em processos de formação continuada que objetivam diversificar as propostas metodológicas nesta etapa, onde várias temáticas apresentam a autonomia e a participação como elementos essenciais no desenvolvimento da ação pedagógica. A formação continuada neste contexto está intimamente ligada ao fazer cotidiano dos professores, que buscam articular os saberes teóricos com as experiências vivenciadas na prática de sua atuação em diferentes contextos.

Comprometidos com a construção de um currículo participativo que utiliza do movimento de escuta dos sujeitos participantes da escola (profissionais, crianças e comunidade) o trabalho aqui apresentado revela uma experiência de prática coletiva, onde foi construído um projeto de utilização de espaço para atividades pedagógicas e recreativas.

Foram utilizados como fundamentos teóricos os estudos de Faria (2007); Carvalho (2021) e Fischer (2019), estruturando uma pesquisa de caráter qualitativo por meio da metodologia de estudo de caso, utilizando como instrumento de coleta de dados rodas de conversa registradas em diários de bordo.

Pretende-se com este trabalho contribuir para os estudos da Educação Infantil, tendo vista a organização do currículo de forma ativa, participativa e

contextualizada com a realidade, valorizando o movimento de escuta dos envolvidos, em especial do que dizem as crianças sobre o cotidiano da escola.

### **Referencial Teórico**

A Educação Infantil por ser a primeira etapa da Educação Básica apresenta grande compromisso com os investimentos a serem realizados quanto as práticas cotidianas e a organização do currículo. Pensar as práticas educativas envolve não somente os estudos teóricos, mas sim a valorização das experiências de docentes e a escuta das crianças e comunidade.

Partindo das ideias de que não somente os conhecimentos teóricos são necessários para efetivar as ações da prática pedagógica nos diferentes cenários da educação, destacamos a importância das vivências e experiências dos docentes para compor o conjunto de saberes necessários para exercer o trabalho. As vivências e experiências trazem-nos um portfólio de possibilidades para serem exploradas em espaços da sala de aula e também os externos a ele.

Relacionar as histórias vividas pelos professores com sua prática deve ter um olhar voltado para a compreensão de que todas suas vivências devem estar articuladas com o que as crianças relatam, desta forma torna-se fundamental dar espaço para a escuta de seus desejos e percepções, uma vez que:

[...] considerar a criança como sujeito é levar em conta, nas relações que com ela estabelecemos, que ela tem desejos, ideias, opiniões, capacidade de decidir, de criar, de inventar, que se manifestam, desde cedo, nos seus movimentos, nas suas expressões, no seu olhar, nas suas vocalizações, na sua fala. (FARIA, 2007).

Partindo de diferentes experiências, é possível atender às necessidades dos sujeitos e assim valorizar suas histórias e bagagens no processo de aprendizagem. Cada sujeito, ao longo de sua vida, agrega às suas histórias e identidades pessoal e profissional elementos e saberes que são determinantes em suas vidas.

Tardif (2006, p.267) contribui nesta compreensão dizendo que “o trabalho docente no cotidiano nada mais é, fundamentalmente, do que um conjunto de interações personalizadas como os alunos, a fim de obter participação deles em seu próprio processo de formação e atender às suas diferentes necessidades”.

É necessário o olhar dos educadores para as “possibilidades” de formação partindo de um olhar observador dos recortes que encontramos no dia a dia, das presenças e participações, construindo um novo olhar para coisas que estão instituídas e mantidas ao longo do tempo, muitas vezes em desacordo com o que é necessário para hoje e que não existia ontem.

O docente é um sujeito que vive muitas experiências ao exercer suas atividades. Cada ano na docência, cada grupo de alunos atendidos, cada comunidade diferenciada em que são inseridos fazem com que reflitam e repensem suas ações pedagógicas. O movimento da docência não pode resumir-se a replicar modelos de atividades descritas em livros e cartilhas, pois há muito mais a ser explorado nesse universo.

Uma prática que há muitos anos está presente em nossos cenários escolares é a do uso do diário de classe (aqueles cadernos cheios de datas, roteiros e folhas em anexo), que com o passar do tempo fica com as pontas amareladas. Os diários amarelados são como memoriais das vivências dos professores, pois nele estão os registros de momentos vivenciados em sua prática.

Alguns professores relatam que trabalhar partindo de suas experiências é investir somente no ato de replicar o que está descrito e planejado em seus “antigos e preciosos diários amarelados”. Então, trabalhar partindo de experiências e vivências é replicar o que já vivenciamos na docência? Existe um tempo determinado que temos que planejar e criar, pois depois é só replicar o que já vivenciamos?

As perguntas colocadas são um ponto necessário a ser pensado quando relacionamos as experiências, os saberes teóricos e a prática pedagógica.

Sendo assim, é importante ressaltar que as experiências são importantes para recriarmos ações, para refletirmos sobre como fazer diferente, fazer mais e melhor. Replicar é uma ação que não pode fazer parte de nossas rotinas, pois os contextos, os sujeitos e os cenários mudam. As necessidades e desafios que nos são apresentados ao longo da carreira docente são singulares, portanto, não podemos replicar práticas e sim nos valer de momentos que sejam disparadores de novas ações por toda nossa jornada profissional.

As práticas devem estar voltadas à organização de opções de atividades para desenvolver o trabalho partindo de uma metodologia que valorize e incentive a participação ativa de todos os envolvidos. Faria (2007) nos revela, ao falar sobre as metodologias de trabalho planejadas pelos professores de educação infantil, que:

Em certa situação, a metodologia mais adequada pode ser esta, em outra, aquela. Para o(a) professor(a), é importante conhecer diferentes maneiras de trabalhar para que possa selecionar aquelas que são mais apropriadas à faixa etária das crianças e que provoquem sua curiosidade sobre o mundo e seu desejo de agir" (FARIA, 2007, p. 102).

Ainda,

As metodologias devem promover a interação entre as crianças e possibilitar a exploração dos espaços e dos objetos, e, ao mesmo tempo devem levar em consideração as necessidades de brincar, de conhecer o mundo e de se expressar por meio de diferentes linguagens" (FARIA, 2007, p. 102).

As necessidades de um trabalho dinâmico partem do princípio de que precisamos atender aos desafios da rotina.

Pensar técnicas e procedimentos comprometidos com a aprendizagem das crianças deve ser alvo da formação dos educadores, desenvolvida com base em princípios da participação e da autoformação, com olhar para o serviço da escola, inspirado em teorias, leituras, experiências externas, mas principalmente naquilo que é do cotidiano de cada um. Essa maneira de entender a organização dos procedimentos a serem desenvolvidos requer mudança na forma de pensar e desenvolver a prática pedagógica.

A necessidade de mudança, amplamente debatida no meio científico e prático, precisa materializar-se em ações que valorizam os participantes da educação e os fatos cotidianos, pois vivemos em um contexto diferente que não “cabe mais” reproduzir “técnicas” e “modelos” de educação que não refletem as realidades de contextos sociais diferentes dos que alimentam o cenário da escola de Educação Infantil.

A mudança aqui torna-se palavra-chave para compreender ao que se pretende anunciar. Pretensiosamente queremos dizer que formação continuada é aquela que se faz a serviço de quem se beneficia dela, é produção e reflexão do que ocorre no cotidiano pelo olhar de quem participa dos espaços da Educação Infantil: as crianças. Escutar e observar as crianças é uma prática desafiadora, afinal muito se fala dessa importância, porém menos do que “portfólios de sucesso” com “manuais estruturados” de como ser educador na Educação Infantil. “A diferença predomina na importante mudança que rodeia a instituição escolar, tanto do seu contexto interno quanto do externo. [...] representantes de uma determinada geração de educadores custam a aceitar a mudança do mundo social [...]” (IMBERNÓN, 2010, p.25).

Sendo assim, podemos dizer que pensar em cenários de Educação Infantil não é algo simples. Não basta cobrir as salas de aula com tecidos coloridos e imagens de desenhos animados, pois precisamos perceber onde atenderemos às necessidades de cada sujeito em um espaço que contribua para seus experimentos e interações.

Os cenários escolares devem estabelecer elos com o que as crianças vivem em sociedade. Práticas que utilizam desenhos das crianças, suas modelagens, artes em geral, fotografias e objetos significativos para elas, caracterizam um lugar agradável e favorável à aprendizagem.

O espaço físico é o lugar do desenvolvimento de múltiplas habilidades e sensações e, a partir da sua riqueza e diversidade, ele desafia permanentemente aqueles que o ocupam. Esse desafio constrói-se pelos símbolos e pelas linguagens que o transformam e o recriam continuamente. (BARBOSA, 2006, p.120)

Sendo assim, pensar os espaços na Educação Infantil deve ser uma tarefa que requer muito planejamento, pensando em como a escolha de cada elemento e recurso que irá compor esse cenário influenciará no desenvolvimento e aprendizado da criança.

Os cenários da educação infantil devem estimular o aprendizado valorizando a infância, trazendo para ele recursos agradáveis que deixem as crianças à vontade.

A escola é somente um dos cenários da educação infantil, pois a criança circula em diversos outros espaços (supermercados, praças, lojas, ...). Vemos que alguns destes espaços apresentam adaptações para as crianças explorarem-nos de maneira autônoma, porém, precisamos caminhar um pouco mais nesse processo.

[...] estar com as crianças demanda disponibilidade para ouvir, conversar, brincar, jogar, cantar e se divertir na prática diária de nosso ofício. Ou seja, é preciso disposição e desprendimento para entrar em linguagem e fabular com as crianças, destituindo-se de uma posição adultocêntrica, a qual geralmente marca as práticas na Educação Infantil” (CARVALHO, 2021, p. 73)

Pensar o cotidiano da escola, partindo dos sentidos e significados atribuídos pelas crianças nos exige um olhar para a valorização destes sujeitos, no qual o contexto social está intimamente ligado com as experiências e vivências efetivamente construídas no espaço educativo.

As crianças vivem diferentes infâncias, estas criadas dependendo do contexto, espaço e relação que se estabelece nos entornos que estão inseridas. Pensar o cotidiano das infâncias, que estão presentes na escola de Educação Infantil, deve partir da ideia que:

[...] a infância não é a idade da não-fala: todas as crianças, desde bebês, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) porque se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemônica na sociedade industrial, outras racionalidades se constroem, designadamente nas interações entre crianças, com a incorporação de afetos, da fantasia e da vinculação ao real. A infância não é a idade do não-trabalho: todas as crianças trabalham,

nas múltiplas tarefas que preenchem os seus quotidianos, na escola, no espaço doméstico e, para muitas, também nos campos, nas oficinas ou na rua. A infância não vive a idade da não-infância: está aí, presente nas múltiplas dimensões que a vida das crianças (na sua heterogeneidade) continuamente preenche. (SARMENTO, 2005, p. 24)

Compreender que a criança é dotada de múltiplas possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem, permite ampliar as ações estabelecidas no espaço educativo. A criança por meio de suas expressões, desejos, ações, descobertas, necessidades e experimentos vai demonstrando os “fazeres e as produções” que são os movimentos da organização pedagógica, fatores que não podem passar despercebidos quando estudamos o cotidiano da Educação Infantil.

Os educadores neste contexto precisam estar atentos ao que “dizem” as crianças, utilizando da observação, escuta atenta às narrativas e movimentos cotidianos que irão possibilitar os caminhos a serem desenvolvidos de forma coletiva e participativa.

### **Metodologia**

A metodologia que norteou o estudo trata de um estudo de caso<sup>5</sup>, com viés de análise qualitativo, considerando a natureza dos dados obtidos. Como mapeamento utilizamos pautas e categorias de observação, bem como a construção de um diário de campo<sup>6</sup> (WINKIN, 1998) para garantir registros que foram analisados buscando a interpretação das narrativas.

Os instrumentos de coleta de dados foram questionários e documentos compartilhados via *Google Forms*, bem como encontros presenciais para

---

<sup>5</sup> A pesquisa de estudo de caso “envolve um ambiente ou contexto contemporâneo da vida real”. (CRESWELL, 2014, p. 86), portanto este estudo busca revelar, a partir de um caso, contribuições para a área que se vincula.

<sup>6</sup> É importante salientar, que conforme Winkin (1998) o diário de campo possui algumas funções, tais como: a catártica, a empírica e a reflexiva/analítica, que ajudam na escrita das observações, das reflexões e das frustrações a partir da observação participante.

discussão e análise constante dos dados, o que fortaleceu a importância dos registros dos diários de campo.

## **Resultados**

“A ideia de que a meta principal da escola não é o ensino dos conteúdos disciplinares, mas sim o desenvolvimento de competências pessoais, é um assunto ainda em discussão nos cenários escolares contemporâneos” (PERRENOULD, 2008, p. 137). Fortalecidos na ideia de discussão entre pares, utilizou-se como instrumentos da pesquisa a criação de formulários com questionários, via *Google Forms*, para coleta das impressões e posicionamentos da comunidade e diários de registros para escuta das crianças, com idades de três a cinco anos.

A ideia de construção de um novo espaço na estrutura da escola, pautou-se nas narrativas das crianças, que trouxeram seus desejos, opiniões e ideias, iniciando por este mapeamento a construção do projeto. Desta forma os docentes refletiram sobre o mapeamento realizado, dando protagonismo as contribuições das crianças.

O movimento de participação e escuta entre os docentes, investindo na formação entre pares, ocorreu em reuniões com registros nos diários da pesquisa, bem como em conversas coletivas durante o horário voltado ao planejamento escolar. Os registros foram feitos em documento compartilhado, onde todas as ideias e impressões eram acrescentadas para futura reflexão nos momentos de reunião.

Estruturado o projeto, iniciou o processo de medição da área de construção, com a participação das crianças e as marcações de onde cada “espaço” irá ficar. Em um primeiro momento quarenta e sete famílias foram envolvidas no apoio desta ação, sendo com doação de recursos e mão de obra. As crianças definiram como primeiros espaços da minicidade uma casa de moradia, um galpão de “churrasco” e um salão de beleza, coisas que em suas narrativas “toda cidade tem que ter”.

As ações estão sendo desenvolvidas, tendo envolvimento da comunidade, dos docentes e ativamente das crianças. Este movimento tem oportunizado um novo olhar para as ações pedagógicas desenvolvidas neste espaço e em sala de aula, reconstruindo e ressignificando saberes e práticas, considerando que “As descobertas e aprendizagens das crianças ocupam um lugar especial no cotidiano da escola” (CARVALHO, 2021, p. 78).

O espaço é planejado e estruturado, prevendo ações voltadas a invenção constante e a flexibilidade. Cada novo elemento é sugerido e pensado entre os pares, tornando-se algo que atende os desejos e necessidades de quem o utiliza. “A escola como cenário vivo, espaço de pequenas cenas inventivas que se passam para além da necessidade pungente de controle e do previsto para acontecer cotidianamente” (FISCHER, 2019, p. 21).

Sendo assim, essa ação vem permitindo um olhar sobre o fazer diário no espaço da escola, ampliando repertórios, valorizando questões que surgem das crianças, da comunidade e dos profissionais. Inspirados em Rolim (2018) é preciso apostar na força da escola como espaço de conversa e de compartilhamento para viver, estar, aprender com o outro e com tudo o que envolve o ambiente escolar, ampliando as formas de “viver” a escola das infâncias.

### **Considerações Finais**

Crianças brincam, se expressam, movimentam espaços. Observá-las para além de um ato sábio dos educadores é também uma ação de respeito ao desenvolvimento infantil, considerando que as crianças têm grande potencial para protagonizarem seu desenvolvimento, que por meio das observações, descrições e reflexões superficiais e densas, permitem a criação de novos “lugares” de pensamento e produção na Educação Infantil.

Com isso, estudar os movimentos de participação e escuta dentro do espaço educativo pensado para o desenvolvimento das crianças é uma necessidade

no que tange às perspectivas da cultura, da prática pedagógica e do processo de formação.

A consideração das crianças como *actores* sociais de pleno direito, e não como menores ou como componentes acessórios ou meios da sociedade dos adultos, implica o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas. (SARMENTO e PINTO, 1997, p.22)

A escola de Educação Infantil vem ganhando novas abordagens, e muitas vezes comunica estar atenta às “inovações” metodológicas para uma escola que valoriza as infâncias, mas não seria então necessário observar, registrar e escutar as crianças e suas infâncias? Do “alto de uma pirâmide” não é possível entendermos o que acontece em sua base, é preciso estar junto e caminhar pelos espaços que compõem seu entrono para entender as realidades e aí sim estruturar pontos de construção para metodologias de valorização.

O educador da escola de Educação Infantil tem um grande desafio em suas mãos: construir um espaço que entende e percebe os sentidos, significados e necessidades das crianças, e quando isso for uma realidade precisaremos comunicar nossas descobertas e oportunizar uma formação em pares, que se apoiam e compartilham seus cotidianos.

### **Referências bibliográficas**

CARVALHO, Rodrigo Saballa. O extraordinário na educação infantil. In: SANTIAGO, F.; MOURA, T. A (Orgs.). Infâncias e docências: Descobertas e desafios de tornar-se professora e professor. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

FARIA, Vitória Líbia Barreto de. Currículo na Educação Infantil: diálogo com os demais elementos da prática pedagógica. São Paulo: Scipione, 2007.

FISCHER, Deborah Vier. Pensar com cenas de escola: a arte, o estranho, o mínimo. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

IMBERNÓN, Francisco. Formação continuada de professores. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PERRENOULD, Philippe. Novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças contextos e identidades. Portugal: Centro de Estudos da Criança. Universidade do Minho, 1997.

ROLIM, Marcos. Escola sem sentido. Extra Classe, Porto Alegre, 11 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/opiniaio/colunistas/2018/12/escola-sensentido/>. Acesso em 06/07/2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto. (Org.). Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Lisboa. Asa Editores S.A, 2004.

TARDIF, Maurice. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

WINKIN, Yves. A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Campinas -SP: Papyrus, 1998.